

Nesta comunicação serão verificados de que forma e quais benefícios da utilização do cânone enquanto ferramenta didática justifiquem a sua popularidade na educação musical durante estes dois séculos. Serão apresentados também os resultados preliminares de como esta metodologia pode ser aplicada modernamente às aulas de música no ensino superior.

Um dos objetivos do presente estudo será a criação de uma plataforma *online* que auxilie o desenvolvimento do estudante no estudo da polifonia renascentista, tendo sempre como ponto de partida as fontes históricas.

Fernando Oliveira iniciou seus estudos de flauta de bisel em São Paulo (Brasil), sendo orientado pelos professores Alexandre Pimenta e Bernardo Piza, vindo a concluir em 2011 o curso superior da Escola de Música e Artes do Espetáculo do Porto (Portugal), sob a orientação de Pedro Sousa Silva. É mestre em Estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra (Portugal).

“A musicologia é entre nós quási letra morta”: a visão crítica de Fernando Lopes-Graça face ao discurso sobre música em Portugal na década de 30

Filipa Cruz

CESEM, NOVA FCSH

Os anos 30 do século XX em Portugal marcam o início de um conjunto de ações governamentais que iriam modelar a relação entre determinadas entidades estatais e o desenvolvimento da cultura musical nacional, da sua pedagogia, crítica e investigação. A musicologia portuguesa – a ser mais eficazmente desenvolvida a partir da referida década e caracterizada por um patriotismo exacerbado –, embarca no estudo e levantamento de património musical nacional maioritariamente referente aos períodos renascentista, maneirista e barroco, de modo a permitir uma revalorização do repertório da antiguidade musical portuguesa e encontrar a especificidade nacional tão ambicionada. Para Fernando Lopes-Graça, este período temporal corresponde ao início de uma relação complexa com o Estado Novo e marca uma fase de particular atividade literária, em revistas como *De Musica*, *Seara Nova* e *O Diabo*. A sua relação com o nacionalismo, constitui uma das principais causas – juntamente com a falta de análise, pensamento crítico e método científico – do seu descontentamento face à crítica musical portuguesa e à musicologia. A partir da “Nota Preliminar” da obra *A Música Portuguesa e os seus Problemas* (1944) e dos escritos do compositor nas revistas *De Musica* e *Seara Nova*, pretende-se expor a perspectiva crítica e epistemológica de Fernando Lopes-Graça a respeito dos exemplos de atividade musicológica e crítica que encara na década em questão – protagonizados, entre outros, por Rui Coelho, o projecto do *Renascimento Musical* e Santiago Kastner – esperando chegar a um melhor entendimento do contributo do compositor para o desenvolvimento das ciências musicais em Portugal.

Filipa Cruz frequenta atualmente o mestrado em Ciências Musicais, vertente de Musicologia Histórica na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, onde também concluiu a licenciatura em Ciências Musicais. É colaboradora do Grupo de Teoria Crítica e Comunicação do CESEM e os seus trabalhos têm incidido sobre temáticas como a música no século XX em Portugal, estética musical e relações interartísticas.